

CENÁRIOS EXTERNO E DOMÉSTICO INFLUENCIAM REDUÇÃO DA TAXA BÁSICA DE JUROS EM 2016

Nos dias 29 e 30 de novembro, o Comitê de Política Monetária (Copom) realizou a última reunião de 2016. A autoridade monetária brasileira decidiu, por unanimidade, reduzir a taxa Selic de 14% ao ano para 13,75% ao ano. Em outubro, o Comitê reduziu a Selic pela primeira vez em quatro anos.

A decisão dos membros do Copom foi pautada no resultado do conjunto de indicadores divulgados desde a última reunião, que sugere uma atividade econômica abaixo do esperado no curto prazo, o que levou também à redução nas projeções do Produto Interno Bruto (PIB) para 2016 e 2017. Os indicadores sugerem que a retomada da atividade econômica pode ser mais demorada e gradual que a prevista anteriormente.

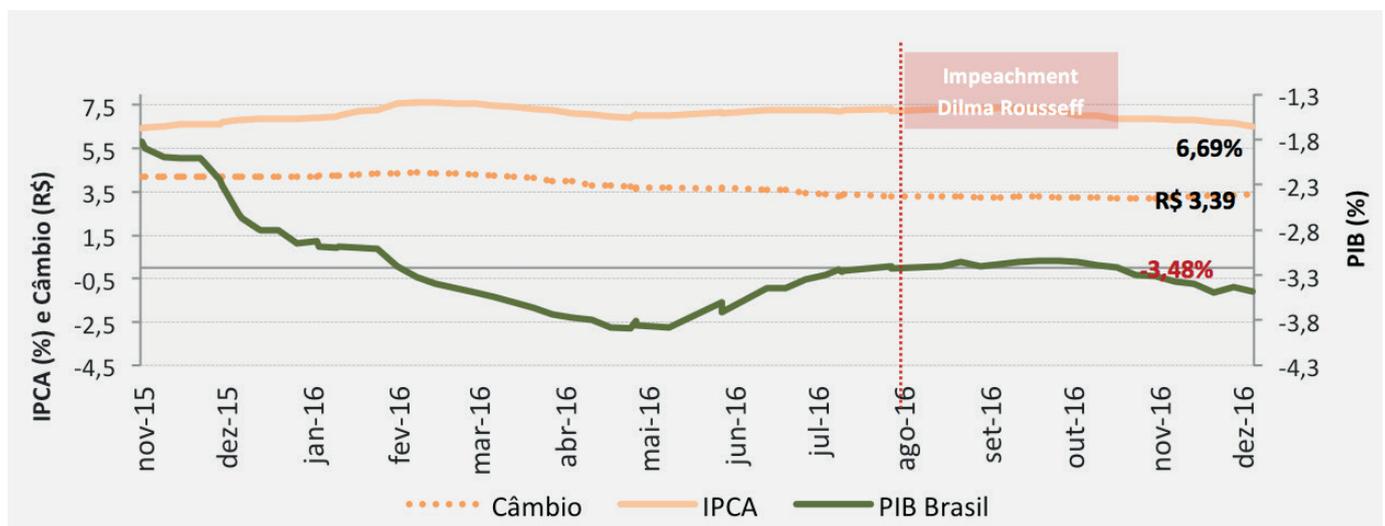
De acordo com a ata do Comitê, além do fator doméstico, existe incerteza no ambiente externo. Observa-se aumento na volatilidade dos preços de ativos no mercado externo, fato que pode interromper o cenário positivo para as economias emergentes, sendo esse também um fator capaz de atrapalhar o controle da inflação no Brasil. Além disso, é necessário observar o processo de aumento da taxa de juros nos EUA. A eleição de Donald Trump trouxe incertezas em relação ao rumo da política econômica americana.

A queda dos preços dos alimentos contribuiu, em parte, com o processo deflacionário no Brasil. Para 2017 e 2018, o cenário apresentado pelo Copom mostra uma tendência de queda deste indicador. O processo de aprovação das reformas fiscais, até o momento foi citado como ponto positivo no âmbito doméstico. Entretanto, a ata do Comitê ressalta que será longo o andamento deste e a implementação das reformas e ajustes necessários na economia, envolvendo incertezas.

De acordo com o Copom, a magnitude da flexibilização monetária – redução da taxa Selic - e a intensificação do seu ritmo dependerão das projeções e expectativas de inflação, além da evolução dos fatores de risco mencionados. Nesse sentido, destacou-se que o ritmo de desinflação nas projeções do Comitê pode se intensificar caso a recuperação da atividade econômica seja mais demorada e gradual do que a divulgada anteriormente. A aceleração do processo de desinflação depende de ambiente externo adequado. A próxima reunião do Copom ocorrerá na segunda semana de janeiro de 2017.

Elaborado pelo Núcleo Econômico da Superintendência Técnica (CNA).

Figura 1 – Evolução das expectativas de mercado para 2016
crescimento do produto, inflação e taxa de câmbio



Evolução do cenário para 2016: Maior retração econômica (-3,48%), câmbio valorizado em relação ao início de 2016 (R\$ 3,39) e tendência desinflacionária - inflação próxima ao teto da meta (6,69%).

Atividade Econômica (novembro/2016)

O Boletim Focus, do Banco Central, indica que em 2016 haverá queda de 3,48% na atividade econômica. Os analistas de mercado continuam a revisar para baixo as estimativas de crescimento da economia brasileira.

É possível observar que após o impeachment de Dilma Rousseff (ver Figura 1) acreditava-se em uma menor queda da atividade econômica. Entretanto, fatores externos (como a eleição de Donald Trump nos EUA) combinados à instabilidade política que volta ao cenário doméstico e o resultado pouco satisfatório de indicadores econômicos do último trimestre, intensificaram as expectativas em relação à retração econômica do país em 2016, e mais tempo para a recuperação da economia brasileira em 2017.

Expectativas Macroeconômicas	2016	2017
PIB (% ao ano)	-3,48	0,80
Taxa de câmbio – média do período (R\$/US\$)	3,39	3,45
Taxa SELIC – fim do período (% ao ano)	13,75	10,50
IPCA (% ao ano)	6,69	4,93
Dívida líquida do setor público (% do PIB)	45,20	50,70
Produção industrial (% crescimento)	-6,50	1,05
Saldo em conta corrente (US\$ bilhões)	-19,30	-25,68
Investimento estrangeiro direto (US\$ bilhões)	65,00	70,00
Balança comercial (US\$ bilhões)	47,00	44,57

Fonte: Relatório Focus/Banco Central do Brasil (09/12/2016).

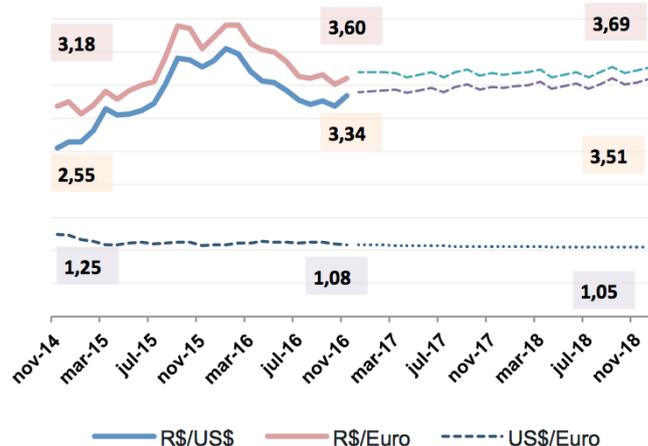
Câmbio (novembro/2016)

Em 2016, tem ocorrido apreciação do Real. Nos primeiros 11 meses do ano, o Real ganhou 17,4% de valor frente à moeda norte-americana.

Em novembro, a cotação do dólar chegou a R\$ 3,43, maior cotação diária após o processo de impeachment. Em novembro de 2015, o dólar valia R\$ 3,87 e em outubro de 2016, R\$ 3,19. Em 2016, a moeda deve fechar o ano na casa dos R\$ 3,39 e a do euro em R\$ 3,70.

Na comparação com o mês de outubro, o Real perdeu 6,3% de valor em relação ao dólar e 2,57% em relação ao euro. Em novembro, a cotação do dólar/euro foi de S\$1,06.

A cotação média do dólar em 2016 deve ser de R\$3,49 e a do euro de R\$3,88 Já a cotação média dólar-euro será de US\$ 1,11.



Fonte: Banco Central do Brasil/ LCA Consultores (2016).

*A partir de dezembro de 2016 dados projetados pela LCA Consultores.

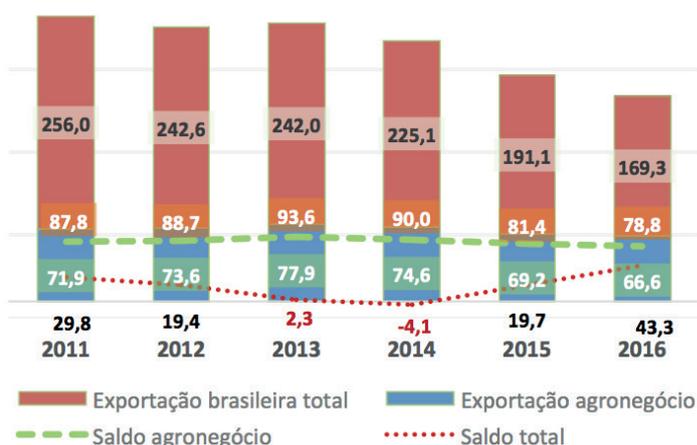
Balança comercial (novembro/2016)

No acumulado dos onze primeiros meses de 2016, a balança comercial do agronegócio brasileiro registrou superávit de US\$ 66,6 bilhões. As exportações foram de US\$ 78,3 bilhões, valor 3% inferior ao do mesmo período de 2015, representando 46% das vendas externas do país.

As importações do agronegócio brasileiro, de janeiro a novembro, foram de US\$ 12,3 bilhões, superando em 1% o valor apresentado no mesmo período de 2015. As importações do setor representaram 10% das compras totais do Brasil neste ano.

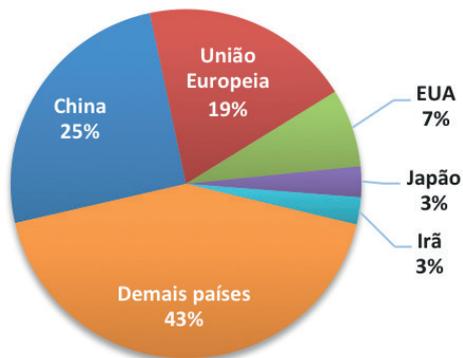
No acumulado de 2016, as exportações do agronegócio brasileiro foram lideradas pelo complexo de soja (US\$ 24,7 bilhões); carnes (US\$ 13,0 bilhões); complexo sucroalcooleiro (US\$ 10,2 bilhões); produtos florestais (US\$ 9,3 bilhões); café (US\$ 4,9 bilhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 4,0 bilhões). Esses produtos representaram 84% das vendas do setor no ano.

Balança comercial brasileira janeiro a novembro (US\$ bilhões)



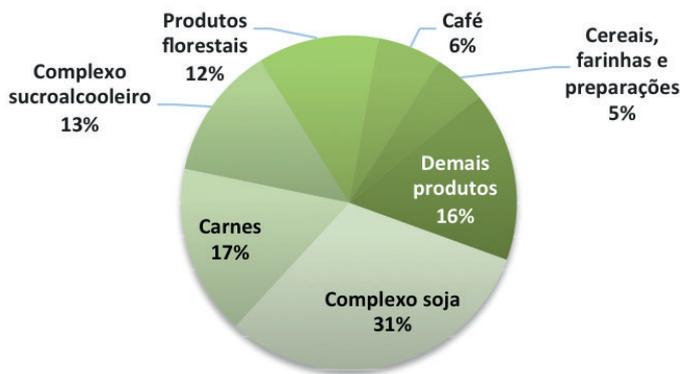
Fonte: Aliceweb (MDIC) Agrostat (MAPA).

Principais destinos das exportações do agronegócio brasileiro - acumulado janeiro a novembro - US\$ bilhões (2016)



Fonte: Agrostat (MAPA)

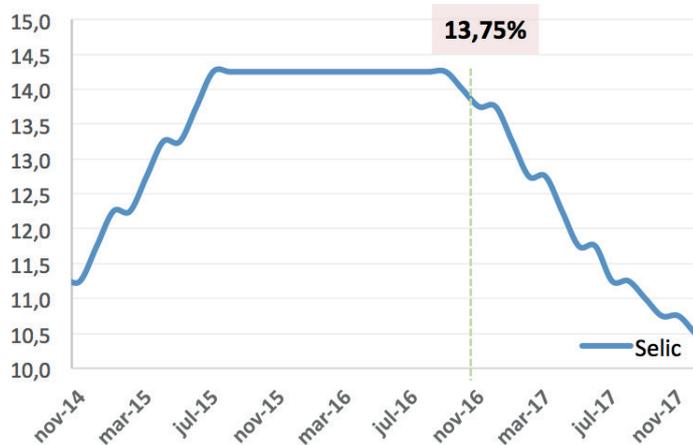
Principais produtos do agronegócio brasileiro exportados - acumulado janeiro a novembro (2016) -



Fonte: Agrostat (MAPA)

Juros (novembro/2016)

A segunda redução, no ano, da taxa básica de juros (Selic), decidida na reunião de novembro, confirma o início do ciclo de flexibilização da política monetária brasileira que deve continuar em 2017. A expectativa inicial do mercado era que essa flexibilização ocorresse num ritmo mais vigoroso. De acordo com o Boletim Focus (ver Tabela 1), a Selic deve alcançar o patamar de 10,50% ao final de 2017.



Fonte: Banco Central do Brasil; LCA Consultores (2016).

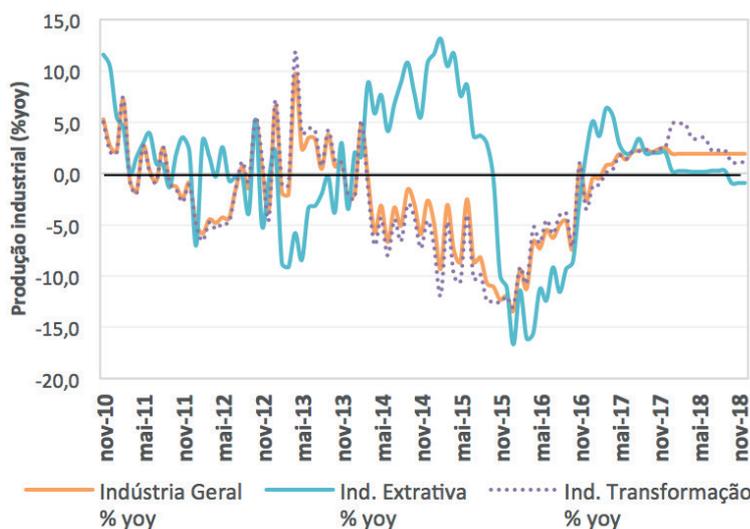
*A partir de janeiro de 2016 os dados são projeções calculadas pela LCA Consultores.

As projeções mostram uma redução contínua projetando a taxa básica de juros em 11,75% no 1º semestre de 2017, e 10,50% para o fim do ano.

Produção Industrial (setembro/2016)

Segundo a Pesquisa Industrial Mensal(PIM-IBGE), em setembro, na comparação com o mesmo período em 2015, tanto a produção industrial, (-4,7%), quanto a indústria de transformação (-3,9%), além da indústria extrativa (-9,3%) apresentaram crescimento negativo.

Os recuos da indústria em geral e da indústria de transformação foram os menores do ano de 2016 e dos últimos 12 meses.



Fonte: LCA Consultores (2016).

*Os dados a partir de outubro de 2016 são projeções da LCA Consultores.

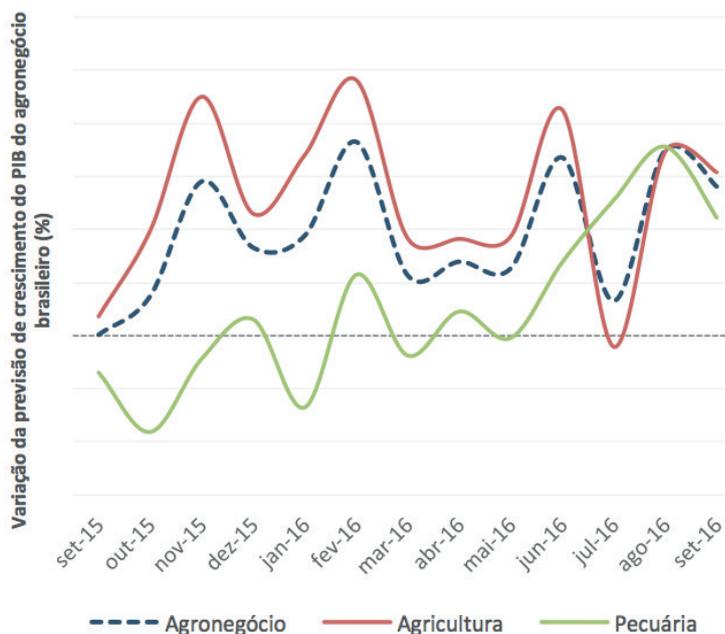
A LCA Consultores projeta que a indústria geral voltará a crescer em março de 2017, com uma variação positiva de 0,7%, em comparação com o mesmo período de 2016.

Produto Interno Bruto do Agronegócio (setembro/ 2016)

O PIB do agronegócio calculado para setembro de 2016 cresceu 0,56%, em relação ao mês anterior. No acumulado do ano, janeiro a setembro, a alta foi de 4%.

Tanto o desempenho no mês, quanto o acumulado dos nove primeiros meses do ano, o resultado positivo está relacionando ao crescimento de todos os segmentos (insumos, primário, indústria e serviços) para o ramo agrícola e pecuário. A agricultura cresceu 4,97% no acumulado do ano, e o ramo pecuário 1,92%.

A renda do agronegócio brasileiro, estimada para 2016, é de R\$ 1,459 trilhão, sendo R\$ 1002,7 bilhões (68,7%) referentes ao ramo agrícola e R\$ 456,8 bilhões (31,3%), ao pecuário, a preços de 2016. 🌱



Fonte: CNA; Cepea/USP (2016).

Bruno Barcelos Lucchi - Superintendência Técnica

NÚCLEO ECONÔMICO:

Renato Conchon - Coordenador

Fernanda Schwantes - Assessora Técnica

Gabriela Coser Rivaldo - Assessora Técnica

Paulo André. Camuri - Assessor Técnico

Rafael Alberton - Assessor Técnico